



## A condução do tratamento na clínica do autismo

**Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS**

**Eixo Horizontal: EH2: MÉTODOS E PROCEDIMENTOS CLÍNICOS**

Roseane Freitas Nicolau ; Rúdrissa do Couto Abreu Pamplona ; Amanda Brasil de Araújo; Ana Ilki Meireles Oliveira;

A mesa discute a clínica do autismo a partir de uma pesquisa-intervenção desenvolvida no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, considerando três eixos de trabalho: a direção do tratamento, as manifestações clínicas que compõem nas sessões e o diagnóstico. O primeiro trabalho aborda a direção do tratamento nesta clínica, discutindo o que a psicanálise ensina a respeito do autismo e como o analista opera nessa clínica com esses sujeitos que estão afetados de alguma maneira em sua relação com a linguagem. O segundo trabalho questiona de que forma as estereotípias, manifestações que compõem na clínica diariamente, podem ser apreendidas como podendo ser enlaçadas a um sentido, e como a psicanálise pode intervir a partir delas para criar um laço entre o sujeito e a linguagem. Por fim, o último trabalho discute os impasses diagnósticos advindos da prática entre vários, tomando fragmentos de um caso clínico de uma criança de quatro anos de idade diagnosticada como autista, para mostrar as mudanças que ocorreram como efeitos da análise e que colocam em dúvida o diagnóstico. OBJETIVO: Desta forma, o objetivo da mesa é, além de apresentar resultados parciais das pesquisas que vêm sendo realizadas no âmbito do projeto de pesquisa, também articular e produzir subsídios que sustentem a prática do analista nesses casos. MÉTODO: O método utilizado é teórico-clínico, que se baseia na interpretação, na busca de sentido que escapa à ordem objetiva. Ele se efetiva no âmbito da relação, onde o outro é convocado a falar em transferência para um outro a quem vem demandar cura. A metodologia compreende ainda o trabalho em equipe multidisciplinar, em que a escuta de pacientes em atendimento se passa nos diferentes espaços como sala de espera, consultórios, ou onde for possível escutar nesse contexto, sendo possível o trabalho entre os profissionais de saúde do Hospital e a discussão de casos com a equipe. RESULTADOS: A construção de um espaço de intervenção junto ao Ambulatório de Desenvolvimento do Hospital, como forma de desenvolver um trabalho que venha se somar com o que é feito pela equipe multidisciplinar, foi importante, na medida em que instaurou dispositivos de escuta baseado na prática entre vários, junto aos pais e as crianças inseridas no serviço; destacamos ainda que esse trabalho criou uma demanda de atendimentos que superou as expectativas dos pesquisadores, de forma que atualmente há um número grande de encaminhamentos para o atendimento psicológico. Nesse ponto, lembramos Lacan, que diz: “com a oferta se cria a demanda”. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO: Conclui-se, a partir dos trabalhos aqui discutidos, que o contexto interdisciplinar impõe pensar saberes e práticas que possam apontar na direção de novos dispositivos de trabalho para evitar um fazer compartimentado, com pretensão totalizante e que não contribui para o tratamento de forma satisfatória. Em cada um dos trabalhos, foi considerada a ética da psicanálise na direção do tratamento, propondo um lugar para o sujeito na interdisciplinaridade, acolhendo o que de particular se destaca, a partir de uma prática entre muitos.

### NAO

#### **A PSICANÁLISE NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

Rúdrissa do Couto Abreu Pamplona Roseane Freitas Nicolau INTRODUÇÃO: Este trabalho deriva da pesquisa realizada em um hospital universitário que oferece tratamento para o autismo. Um dos eixos de estudo consiste na teorização sobre a direção do tratamento com esse público, ao qual interrogamos: como a psicanálise compreende e trabalha com o autismo? Se opera pela via da palavra, como se dá a prática com crianças cujo enlace na linguagem está gravemente afetado? São questões cruciais na construção de um saber psicanalítico que forneça subsídios clínicos para a prática, bem como para a sustentação da psicanálise dentre os tratamentos existentes na contemporaneidade. OBJETIVOS: Propõe-se discutir o trabalho psicanalítico na clínica do autismo. MÉTODO: Tal investigação é guiada pelo método teórico-clínico, pautado essencialmente em Freud e Lacan.



**RESULTADOS:** Com isso, destacam-se alguns pontos: o debate sobre a psicanálise com crianças; os sintomas e o diagnóstico; o lugar do casal parental; a transferência; e a aposta do analista na emergência de um sujeito desejante. **DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A posição do autista na estrutura de linguagem remete aos tempos da constituição psíquica. Não desarticulados do Outro, o psicanalista considera a afirmação de Lacan, dos autistas como sujeitos essencialmente verbosos. Assim, o trabalho ocorre a partir da maneira como o sujeito se apresenta, com seus automatismos, estereotípias e ecolalias, que são manifestações articuladas às tramas simbólicas de cada criança. O analista coloca, dessa forma, o sintoma a falar, apostando na emergência do sujeito.

### **O TRABALHO ANALÍTICO COM AS ESTEREOTIPIAS**

Amanda Brasil de Araújo Roseane Freitas Nicolau **INTRODUÇÃO:** Este trabalho surgiu a partir de alguns questionamentos advindos do contato com crianças diagnosticadas com autismo. Dentre estas questões, uma se tornou alvo de interesse e pesquisa: as estereotípias podem ser consideradas como uma forma de linguagem? A partir desta questão norteadora, traçamos como **OBJETIVO:** Articular o conceito de estereotípias com a prática do analista. Sendo utilizado como **MÉTODO** uma pesquisa teórico-clínica, desde autores clássicos como Freud e Lacan a pesquisadores contemporâneos. **RESULTADOS:** Sabe-se que as estereotípias são conceitualizadas como um movimento de descarga motora, sem intenção de comunicação. Contudo, para além disto, elas fornecem uma borda de proteção corporal – protegendo a criança dos outros e da invasão da linguagem – assim como, corresponde a relação encontrada pelo sujeito para lidar com o campo da linguagem, tão ameaçador para ele. Em algumas práticas terapêuticas, as estereotípias são vistas como comportamentos que necessitam ser retirados e substituídos. Entretanto, se esta foi a forma encontrada pela criança para lidar com a linguagem que lhe ameaça, como retirá-la? **DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Em psicanálise, trabalha-se com um viés oposto a estas intervenções terapêuticas, ao invés de retirarmos o que sustenta a criança em seu convívio com os outros, partimos da estereotípias para estabelecer um laço com o sujeito. Cabe ao analista escutar nas estereotípias a possibilidade de uma mensagem, podendo assim, enlaçar o sujeito na linguagem.

### **DIAGNÓSTICO E DIREÇÃO DO TRATAMENTO EM UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO**

Ana Ilki Meireles Oliveira Roseane Freitas Nicolau Na pesquisa Psicanálise e Interdisciplinaridade, temos debatido a questão diagnóstica em torno dos efeitos subjetivos produzidos na criança. Excluindo o sujeito, estes diagnósticos podem constituir uma marca a partir da qual a criança se enlaça no campo social, respondendo ao lugar que lhe é designado pela patologia. **OBJETIVOS:** Propomos articular o trabalho do analista frente a profusão de diagnósticos os quais sugerem uma “epidemia” de autistas, introduzindo cada vez mais crianças em uma categoria sintomática a ser tratada com medicamentos. Neste sentido, fragmentos de um caso de uma criança diagnosticada com autismo serão tomados em discussão. **MÉTODO:** A metodologia consiste em uma pesquisa teórico-clínica, do tipo recorte de caso clínico, a partir do referencial teórico freudo-lacanian. **RESULTADOS:** Diante de uma Instituição gerida por um saber totalizante, numa perspectiva de eficácia, o analista opera do lugar do não saber, trabalhando pela via da aposta no sujeito, sem partir de um diagnóstico, trabalhando a favor do enlaçamento do sujeito na linguagem. **DISCUSSÃO E CONCLUSÃO:** A prática tem nos evidenciado que o recebimento de um diagnóstico médico na infância traz alívio ao sofrimento do lado materno, mas por outro lado ocasiona o apagamento do sujeito em sua particularidade que, ao ser enquadrado em uma síndrome, perde a possibilidade de advir na condição de um sujeito desejante. Por fim, entendemos que ao propor uma pesquisa-intervenção dessa ordem no Hospital Universitário, possibilitamos ao sujeito um lugar onde ele possa ser o portador do seu sintoma.